



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

COMISSÃO ESPECIAL - PL 3198/2000 - ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL		
EVENTO: Seminário	Nº: 0505/02	DATA: 28/05/02
INÍCIO: 14h17min	TÉRMINO: 16h27min	DURAÇÃO: 2h10min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h13min	PÁGINAS: 49	QUARTOS: 27
REVISÃO: Andréa Macedo, Gilberto, Leine, Madalena, Odilon, Tatiana, Zilfa		
SUPERVISÃO: Ana Maria, Graça, Livia, Márcia, Myrinha		
CONCATENAÇÃO: Livia		

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

VALDINA PINTO - Professora e Pesquisadora da Cultura Afro-Brasileira
MARIA APARECIDA DE SOUZA RAMOS - Professora de Antropologia da Religião e Ética, da Universidade Católica de Brasília
ANTÔNIO GABRIEL MARQUES - Representante da Comunidade Bahá'í do Brasil
NESTOR JOÃO MASOTTI - Presidente da Federação Espírita Brasileira
JOÃO MENDES DE JESUS - Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus
JOSUÉ MELLO SALGADO - Presidente da Igreja Memorial Batista de Brasília e da Convenção Batista do Distrito Federal

SUMÁRIO: Seminário "A Igualdade Racial: Como Corrigir os Problemas Gerados pela Exclusão".
Painel: "Do Direito à Liberdade de Consciência e de Crença e ao Livre Exercício dos Cultos Religiosos".

OBSERVAÇÕES

Há falha na gravação.
Há exibição de imagens.
Há intervenções inaudíveis.



O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Declaro aberta a presente reunião.

Nesta parte do nosso seminário, discutiremos o tema “Direito à Liberdade de Consciência e de Crença e ao Livre Exercício dos Cultos Religiosos”.

Convido para compor a Mesa o Sr. Antônio Gabriel Marques, representante da Comunidade Bahá'í do Brasil; o Sr. Nestor João Masotti, Presidente da Federação Espírita Brasileira; o Pastor Josué Mello Salgado, Presidente da Igreja Memorial Batista de Brasília e da Convenção Batista do Distrito Federal; a Sra. Maria Aparecida de Souza Ramos, professora de Antropologia da Religião e Ética, da Universidade Católica de Brasília; a Sra. Valdina Pinto, professora e pesquisadora da cultura afro-brasileira.

Esclareço que os palestrantes disporão de até quinze minutos para suas exposições. Em seguida abriremos espaço para as interpelações. Os interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente na Secretaria da Mesa.

Concedo a palavra à Sra. Valdina Pinto, que muito nos honra com sua participação.

A SRA. VALDINA PINTO – Quero começar invocando nossos ancestrais. Graças à ação deles, aqui estou. Apesar de meu nome constar como pesquisadora, sou professora aposentada. Estou na ativa na condição de educadora. Atuo em alguns projetos e trabalho com jovens e crianças, mas, na verdade, não me considero pesquisadora, sou sujeito da minha cultura, das minhas tradições, legadas por esses ancestrais, e sou makota do terreiro Tanuri Junçara. Makota é termo da língua kikongo, uma das que preservamos nas tradições do Candomblé Angola.



Quando fui convidada para estar aqui hoje, senti-me com grande responsabilidade, porque represento a voz de muitos dos que praticam religião que, ao longo dos anos, tem sido discriminada em função dos preconceitos existentes na nossa sociedade.

Teria muito a falar, mas o tempo é curto. Quero, porém, dizer que para que a sociedade brasileira considere esse segmento religioso como religião, dedique-lhe o devido respeito e reconheça seu direito de professá-la é preciso que se transponham as barreiras da ignorância acerca do que é o elemento negro nesta sociedade e do seu passado histórico.

O que sabemos sobre o negro — e digo isso por experiência adquirida trabalhando em sala de aula e no ramo da educação como um todo — é que ele descende de escravos. Há algumas tentativas de mudança, mas, infelizmente, o que é ensinado às crianças e aos jovens quando se fala sobre o negro brasileiro é que sua história começou como escravo. Ninguém diz quem era esse negro antes de ter sido reduzido a coisa, a escravo, e ser trazido para cá. Ninguém fala de sua ancestralidade, do conhecimento que havia sido construído e acumulado ao longo de milênios, elementos dos quais ele era portador. Ninguém menciona as línguas que esses vários grupos étnicos falavam.

Por conta disso, tudo o que se refere a nós, negros, é visto como errado, inferior, mau, sujo, e isso tem contribuído, ao longo dos séculos e de nossa existência nesta terra hoje chamada Brasil, para a baixa auto-estima dos descendentes de africanos.

Sabemos que nossas manifestações religiosas sempre foram vistas como algo mau, mas hoje assistimos a uma campanha acirrada para associar toda a nossa espiritualidade, tudo o que temos de manifestação de fé em função da visão



de mundo que nos foi passada como algo sujo, como algo do mal. Tenho assistido, em Salvador, na Bahia, a uma campanha acirrada contra o candomblé e todas as outras formas de religião dos afro-descendentes.

Ora, para que revertamos esse quadro e para que nossa forma de espiritualidade, nossa forma de interagir, consagrada com o sobrenatural, seja aceita e respeitada pela sociedade, é fundamental que se criem mecanismos e formas de transpor essa barreira da ignorância e que a sociedade brasileira comece a aprender sobre quem é esse negro e o que ele tem a oferecer em termos de espiritualidade, o que a sociedade brasileira ignora. Ignora, sim. Caso contrário, não o trataria dessa maneira.

Portanto, para que se entenda o candomblé e se vá além dos estereótipos criados em relação a essa religião, é preciso saber sobre esse negro, saber o que ele era antes de ter sido reduzido a escravo, qual a sua história, suas tradições milenares e suas cosmovisões, as quais embasaram uma religião que aqui foi reelaborada, recriada, mas com base nessas tradições, nessas visões de mundo.

Cada vez mais, assistimos à distorção do significado da energia Bujila, Bombojira ou Bambojira.

Falemos, por exemplo, em Exu. Por ignorância, as pessoas não sabem dessa história, não sabem dessas tradições, e reduzem tudo ao plano do mal, do diabo, de satanás, quando, nas tradições africanas, não existe diabo, demônio ou satanás. Isso não é da nossa cultura, não é da nossa tradição. Dizem que somos a religião do mal. Que mal? O que é o mal? Então foi bom, em nome da cruz de Cristo, saquear, roubar, escravizar, assassinar? Foi bom isso? Nós assistimos a isso e temos assistido também, nos nossos dias, em nome de Jesus, à invasão de terreiros, a uma campanha de animosidade e ódio entre seres humanos apenas porque



praticam religiões diferentes. Isso é bom? A meu ver e na visão das pessoas do candomblé, isso não é bom.

O que aprendemos e o que os nossos ancestrais nos legaram é que a raça humana é uma só, como é uma só, ainda que chamemos por nomes diferentes, a semente viva geradora de tudo mais, “Incriada”, que na Língua Portuguesa chamamos de Deus, mas que eles chamam de Nzambi, Mawu, Olorum, ao passo que outros chamam de God, Dieu, Alá, Jeová, Javé — o que importa? Para quantas línguas existirem no mundo, vamos encontrar uma expressão para esse “incriado” ou essa “incriada” que criou, gerou e continua gerando. Quando nos referimos a essa energia viva criadora, não nos referimos a uma energia viva criadora Nzambi, Olorum ou Mawu, que criou a raça negra, mas que criou, que gerou a raça humana, não importa se é branca, preta, amarela, roxa, vermelha, se tem cabelo duro ou liso, se tem nariz afilado ou chato. Todos somos filhos de uma única semente viva geradora.

Há mitos e lendas em todas as culturas. Por que então é mito, é lenda, é história aquilo de que se valem algumas culturas africanas para explicar o início do mundo, o início da geração humana?

De outro lado, temos também um mito, uma lenda na história de Adão e Eva, como está no Gênesis. É esse um mito, tanto quanto é mito o Inkice, o Vodum, o Orixá. Ninguém estava lá para ver. Então, por que uma é mostrada, é oficializada, passada e repassada pelas escolas como verdade absoluta, e as outras são lendas, são histórias? Temos de mudar isso, temos de permitir que as pessoas saibam como realmente aconteceram as coisas. Religião é construção, é fruto de construção humana. Deus, Javé, Jeová, Olorum, Alá, Mawu, Nzambi ou seja lá o nome que queiram dar não criou nenhuma religião. Ele nos criou, criou toda uma infra-estrutura



para existirmos, com toda a natureza, e nos fez parte dela. Mas não disse: “Vocês têm de me adorar dessa ou daquela maneira”. Cada grupo humano, conforme sua cultura, seu ambiente e suas filosofias, é livre para interagir com esse sagrado.

Por outro lado, podem perguntar alguns: “Ah, mas como o Candomblé pode ser considerado religião se não tem um livro sagrado?”. Então, faço a pergunta que tenho feito em outros momentos: Será que existe livro mais sagrado do que o escrito pelo Criador, ou Criadora, que é a natureza? Quem criou o sol foi algum homem? Foi alguma máquina que imprimiu o sol com símbolos gráficos? Quem criou a natureza? Então, a natureza é o nosso livro sagrado, e interagir com ela é a nossa forma de interagir com o sagrado.

O que nós, seguidores do Candomblé e das religiões embasadas em matrizes africanas, queremos é que nos respeitem, que nos permitam o direito de interagir com esse sagrado, conforme as maneiras e as visões de mundo que nos foram legadas pelos nossos antepassados — bisavós, tataravós. Queremos que a criança oriunda de família que professe essa religião não se sinta minimizada na sala de aula pelo fato de ouvir a toda hora que o Candomblé, assim como a Umbanda, é do mal, e ver perpetuada essas distorções, essas bestialidades que dizem sobre a religião dos afro-descendentes.

Estamos avançando, conseguindo algumas coisas. Mas o que eu trago, em nome de tantos ialorixás, babalorixás e demais seguidores dessa religião que não a utilizam como trampolim para dominar, que não a usam para se eleger a nenhum cargo político..... Este, aliás, não é nosso objetivo, que se resume a ser neste mundo, a existir neste mundo, a interagir com o sagrado, a desenvolver nossa espiritualidade conforme aquilo em que acreditamos. Se alguém quer a busca de poder, não nos cabe julgar. Sigam seu caminho e deixem que sigamos também o



nosso. Não batemos à porta de ninguém, não fazemos proselitismo. Deixem-nos em paz! Deixem-nos rezar do jeito que sabemos! Deixem-nos lutar contra a violência e contra a intolerância do jeito que sabemos, invocando nossos orixás, nossos voduns, nossos inkices! Deixem-nos fazer caridade do jeito que sabemos!

Aqui estou em nome desse povo que professa o Candomblé, que tem sido, ao longo desse tempo, excluído e marginalizado; aqui estou para dizer que começamos a deixar de ser objeto de estudo das disciplinas criadas com o intuito de dominar, como é o caso da Antropologia, da Sociologia, das etnologias e de tantas outras “gias”.

Tenho refletido muito a respeito, porque nunca ouvi falar em “Antropologia do Branco”, “Sociologia do Branco” ou “Etnologia do Branco”. No entanto, há a Antropologia, a Sociologia e a Etnologia do Negro e do Índio. Por quê? Para quê? Com que intuito? Agora, uma vez que também nos apropriamos de alguns instrumentos da academia, começamos a ser sujeitos de nossa cultura.

Nasci no Engenho Velho da Federação, bairro de Salvador, Bahia, basicamente de negros, e fui criada em meio a uma família extensa, composta por pai, mãe, tio e tia de sangue e por muitos outros pais, mães, tios e tias à moda africana. Portanto, tive o privilégio de pertencer a uma geração que recebeu valores de família, que foi educada em família extensa, onde toda criança era responsabilidade de todo adulto e cada adulto cuidava de todas as crianças da comunidade. Hoje já não vemos isso. Vemos nossas crianças se tornarem pivetes, freqüentarem o mundo das drogas e do crime, porque aqueles valores não mais existem.

Concluindo, reivindicamos o direito que nos assiste de sermos respeitados. Ou melhor, exigimos respeito de todas as demais religiões, porque respeitamos



todas as demais religiões. Exigimos o direito de poder praticar nossa religião em paz, porque é também por meio do candomblé que contribuimos para reafirmar a identidade negra e transmitir valores e tradições que nos foram legados por nossos ancestrais africanos.

Obrigada. (*Palmas.*)

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Agradecemos à Sra. Valdina Pinto.

Com a palavra a Sra. Maria Aparecida de Souza Ramos, professora de Antropologia da Religião e Ética, da Universidade Católica de Brasília.

A SRA. MARIA APARECIDA DE SOUZA RAMOS – Boa tarde a todos.

Antes de mais nada, quero agradecer à Comissão o convite para fazer parte desta mesa-redonda. Fiquei muito feliz ao ver na platéia jovens e adolescentes negros. Sejam bem-vindos.

Penso que o tema “Do Direito à Liberdade de Consciência e de Crença e ao Livre Exercício dos Cultos Religiosos” é de extrema relevância, levando-se em conta que estamos em pleno século XXI, quando nós, seres humanos, devemos aprimorar a nossa humanidade. Se avançamos em termos tecnológicos, em termos humanísticos, ainda nos falta uma longa caminhada.

Para tratar deste tema é fundamental pensarmos sobre a vida. Frei Betto nos diz: *“O tema da vida é, paradoxalmente, uma evocação da morte. Nesta árdua aventura existencial que não escolhemos e, no entanto, assumimos, vida e morte não são pólos antagônicos, mas faces de um mesmo rosto: o do sentido que imprimimos à nossa existência. Do mais íntimo do nosso ser — lá onde tateia a psicanálise — ao mais social e público — onde balbuciam as ciências políticas — a*



dialética da vida e da morte é expressão dos nossos anjos e demônios. De algum modo, cada um de nós é dois”.

“Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero”, já dizia São Paulo. Sem regredir ao maniqueísmo e, muito menos, negar a unidade ontológica do ser humano, é um fato que a ideologia da morte impregna em nossa existência o amargo sabor do egoísmo. Subvertem a nossa bondade intencional o Pinochet que nos habita, o Hitler que nos leva à ira e ao holocausto, o aprendiz de ditador que se manifesta em nosso reduzido universo de poder.

Sim, como é difícil praticar, na esfera pessoal, a democracia apregoada em público! Neste espaço cotidiano de inter-relações, toda espécie de opressão pode brotar: palavras que agridem, omissões que prejudicam, infidelidades que minam, ambições que poluem a transferência dos propósitos. Em nome da vida, semeia-se a morte alheia. Assina-se, assim, a própria sentença, pois a vida só alça vôo e transcende o próprio eu na medida em que faz o amor para os outros.

Falar da vida é erguer-se contra o sistema que estruturalmente alimenta a morte. A agonia diária do trabalhador explorado, a morte cívica dos direitos humanos negados, a marginalização política de quem não pode participar da escolha dos seus governantes são sinais de necrofilia da ordem social.

A violência não está engatilhada apenas no tambor de um revólver. Ela o precede, engendrando economicamente o contingente dos excluídos no sistema. Ela nasce da decisão política de arrancar o pão da boca da coletividade, para que o valor de troca prevaleça sobre o valor de uso. Revestida de fetiche, a mercadoria entra no ritual dos lucros e exclui do templo toda a multidão de fiéis que não está revestida do manto sagrado da propriedade privada dos meios de produção ou do capital.



Mas não é só de pão que temos fome. Como diz o poeta cubano Roberto Retamar, a fome de pão é saciável, é fruto da justiça voraz e insaciável, é a fome da beleza — essa compulsiva atração que sentimos pela transcendência, a razão saturada em seus labirintos geométricos, o sabor estético que, em nosso silêncio, toma emprestada a música, a letra, a imagem, a forma e as cores, que exprimem o sentido do nosso existir. É a sabedoria brotada da intuição que nos aponta o caminho adequado. É tão profundamente humana essa experiência de tocar o inefável — que a fé a denomina Deus. No amor, o gesto traduz essa sede como quem ergue o copo repleto até a borda, bebe e constata, surpreso, que a sede foi apenas aplacada, jamais saciada, pois só a fonte da água viva, à beira do poço de Jacó, liberta o ser humano das seduções do absurdo e lhe dá a conhecer a plenitude do absoluto, pois Ele veio para dar a vida em abundância.

Por isso, quando estamos falando de religião, conseqüentemente, ressaltamos a vida e não a morte. A religião é a alma da cultura de qualquer povo. Ela norteia a vida em todos os aspectos: sociais, políticos, culturais e econômicos. Isso porque o ser humano é inerentemente um ser religioso. É só olharmos todos os grupos e todas as sociedades, independentemente de raça, etnia e nação — todos têm uma religião. A grande questão é por que a nossa desumanidade nos cega e não enxergamos a riqueza que existe no outro, no diferente. Na nossa ingenuidade ou pretensão, ousamos definir o que é bom e o que é mal.

Essa nossa desumanidade fez com que houvesse várias leis para fazer com que o ser humano respeitasse todas essas crenças. O Frei Patrício afirma que a lei só existe onde não existe o amor, pois amar significa respeito, onde todos e todas podem manifestar suas idéias, expressar suas culturas e praticar os seus cultos.



Sabemos que isso não ocorre só no Brasil, porque a Carta dos Direitos Humanos salienta que todo ser humano deve ser respeitado também na sua religião.

A nossa Constituição, no art. 5º, afirma:

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

.....
.....

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.”

Entretanto, até nossos dias isso não se tornou realidade.

Diante dessas posturas de desrespeito, que sabemos existir no Brasil em relação a várias religiões, seguramente a Antropologia Social, desde o século XX, vem nos ajudando a iluminar consciências, minimizando as intolerâncias que ainda nos afligem.

A antropologia tem a função de comparar uma religião com a outra. Os antropólogos ingleses saíam de seu país e iam à Índia e à África fazer comparações. E em seus balanços ressaltavam as semelhanças e diferenças. Suas conclusões eram muitas vezes sensitivas ou emotivas, desmascarando o etnocentrismo que nos marca na apreciação valorativa do culto, da cultura e da crença do outro.



Ser etnocêntrico é ver o outro por meio de suas próprias convicções, valorizando nossos interesses pessoais, chegando, até mesmo, à supervalorização do eu. Fazendo com que o diferente não seja o outro que se difere, e sim o que é inferior e necessita de ajuda, um ser inacabado e com várias deficiências.

A Antropologia Social, na consolidação do seu campo de conhecimento como ciência, ressaltou o relativismo cultural. Passamos a olhar o outro, o diferente, a partir dele e não daquele que observa. E como o relativismo parte do diálogo, do respeito e da tolerância, vendo o outro a partir do outro, é possível interagir, e o ser humano vai ser tornando mais humano.

Numa postura relativizadora, é possível olhar a religião do outro a partir daquele que pratica, relacionando-se com o transcendente ou com o sagrado, reformando o seu modo de relacionar-se com o seu ser superior e com a vida. Por isso, manifesta-se enorme diversidade de maneiras de cultuar esse sagrado, que conhecemos como Deus.

Aí está a importância de sermos relativizadores, porque, a partir do momento em que se vive o sagrado e ao mesmo tempo tem-se a sensibilidade e a tranquilidade de respeitar as diferenças, rompemos definitivamente com o fanatismo que impera e faz com que só o nosso ponto de vista seja verdadeiro, como se uma determinada religião estivesse certa, em detrimento de todas as demais. E toda e qualquer religião só resplandece quando os seus praticantes se tornam cada vez mais humanos.

A religião, muitas vezes, é vista a partir de uma ótica capitalista — e nós, latino-americanos, somos capitalistas, e agora nos estamos tornando neoliberalistas e fazemos questão disso. E como se vê a religião? Pela quantidade de adeptos e não pela qualidade de vida que ela favorece. Não se valoriza aquela que mais



humaniza, fazendo com que este “Deus”, “Olorum”, “Alá”, “Jeová”, “Buda”, “espírito” se torne carne, transformando a vida humana para todos os viventes.

É importante que na nossa sociedade comecemos a trabalhar com nossas crianças nas escolas, para que essas práticas se tornem verdadeiras e que, a partir dos meninos, possamos vivenciá-las, porque temos hoje enorme dificuldade, marginalizando muito por esses motivos.

Toda e qualquer religião só tem sua razão de existir quando o ser humano que a abraça se torna mais humano. E ser humano é querer o mundo mais justo, mais fraterno, mais solidário, mais honesto, mais ético, mais transformador, mais educado, mais politizado, mais pleno de vida.

Leonardo Boff lembrou, uma vez, que Jesus Cristo era tão divino que quis estar em nosso meio como pessoa humana. E Ele esteve em nosso meio com os marginalizados, com todas aquelas pessoas que hoje continuamos marginalizando. E dá esse exemplo de religião para nós.

Assim, deixo aqui minha mensagem. Agradeço a todos. Espero que nós, brasileiros, possamos ser exemplo, adotando relação de respeito e de honestidade com outras pessoas quanto à religião.

Muito obrigada. *(Palmas.)*

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Muito obrigado, Sra. Maria Aparecida de Souza Ramos.

Concedo a palavra ao Sr. Antônio Gabriel Marques, representante da Comunidade Bahá'í do Brasil.

O SR. ANTÔNIO GABRIEL MARQUES – Boa tarde a todos. Saúdo inicialmente o Presidente da Mesa, nobre Deputado José Linhares, o Deputado Reginaldo Germano e demais companheiros.



Indago ao Sr. Presidente desta Comissão se posso, com intuito de facilitar, fazer minha apresentação por meio de um pequeno **Power Point**.

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Pois não, fique à vontade.

O SR. ANTÔNIO GABRIEL MARQUES – Fiquei feliz com as exposições iniciais, que certamente fizeram que encurtasse um pouco minha apresentação, o que possibilitará um pouco mais de tempo para os debates.

Precisamos reconhecer alguns fatos básicos comuns a todas as religiões. Primeiro, a crença em um Deus único, que normalmente estabelece a base comum das religiões, assim como a unidade da humanidade. Na verdade, em todas as grandes religiões mundiais, há, como no cristianismo, a pregação de que *“existe um Deus, o Criador de tudo, que está acima de tudo, através de tudo e em todos vós”*. O judaísmo indaga: *“Todos nós não temos um Pai? Um Deus que nos criou?”*. O hinduísmo dispõe que *“Ele é o Deus único, oculto em todos os seres, onipresente, o Eu dentro de todos os seres, velando por todos os mundos, habitando em todos os seres, a testemunha, o observador.”* O confucionismo aconselha: *“Mesmo quando sozinho, lembra-te de que o Divino está em toda parte.”* O sikhismo: *“Há somente um Deus, cujo nome é verdadeiro. Ele é o criador, imortal, não nascido, não gerado.”* Na tradição lorubá, como a Profa. Valdina Pinto bem recordou, não existe o livro escrito, mas o conceito também é o da unidade de Deus, em Olorum, Olodumaré, assim como em outras citações.

Por exemplo, existem aqui diversas expressões para referenciar a Deus, de acordo com seus atributos. É o caso de Alayê, Senhor da Vida; Eleny, Senhor do Êmí, aquele que dá poder da respiração e tira, quando julga necessário; o Eledá, o Senhor da Criação; Oloxuani, o Senhor do Dia de Hoje. E assim sucessivamente,



como em diversas outras citações, em que o Ser Supremo é igualmente reconhecido.

A base de todas as religiões é uma só. Vemos essa mesma regra de ouro no hinduísmo, há 5 mil anos, mais praticado atualmente na Índia, na parte asiática: *“Não faças aos demais aquilo que não queres que seja feito a ti e desejas também para o próximo aquilo que desejas e aspiras para ti mesmo. Essa é toda a lei, atenta bem para isso”*.

No caso do judaísmo: *“Não faças a outrem o que abominas que se faça a ti. Eis toda a lei. O resto é comentário”*. *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo.”*

No zoroastrianismo: *“Aquilo que é bom para qualquer um e para todos, para quem quer que seja, isso é bom para mim... O que julgo bom para mim mesmo, deverei desejar para todos. Só a lei universal é a verdadeira lei.”*

No budismo: *“Todos temem o sofrimento e todos amam a vida. Recorda tu também que és igual a todos; faze de ti próprio a medida dos demais e, assim, abstém-te de causar-lhes dor.”*

No cristianismo: *“Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, porque isso é a lei dos profetas.”*

No islamismo: *“Nenhum de vós é um verdadeiro crente a menos que deseje para seu irmão aquilo que deseja para si mesmo.”*

No Bahá'í: *“Se teus olhos estiverem envolvidos para a justiça, escolhe tu para teu próximo o que para ti próprio escolhes. Bem-aventurado quem prefere seu irmão a si próprio.”*

A inspiração de todas as religiões deriva-se de uma única fonte celestial. A diferença entre os diversos preceitos são devido à época e às condições dos locais em que os manifestantes divinos, os profetas se revelaram.



A verdade religiosa não é exclusiva. Esse apelo, naturalmente, não requer o abandono da crença nas verdades fundamentais de nenhum dos grandes sistemas de fé do mundo. Muito pelo contrário. O que demanda é a renúncia a todas as pretensões de algo ser final e exclusivo, porque isso tem sido a causa isolada não só do fanatismo, da intolerância e, na verdade, tem promovido o ódio e a violência em vez da unidade.

O desafio da presente hora é histórico, e os líderes religiosos, todos nós, precisamos respondê-lo, para que a liderança religiosa tenha sentido na sociedade global que está emergindo das experiências transformadoras do século XX, mencionadas pela Profa. Maria Aparecida. A religião tem sido a única que ainda está no limiar da virada do século. Não virou ainda e precisa dar um passo decisivo na direção da tolerância.

A unidade da humanidade: *“Vós todos sois os frutos de uma só árvore, as folhas do mesmo ramo, as flores de um só jardim”*. *“A glória não pertence àquele que ama a sua pátria, mas àquele que ama sua espécie”*. Em palavras de Bahá'u'lláh, fundador da fé Bahá'í.

Cada vez mais a unidade da humanidade está sendo reconhecida na química, enfim, em todos os campos da pesquisa humana.

A espiritualidade, portanto, é acessível a todos. Contudo, para que essa percepção, ainda difusa neste momento, possa consolidar-se e contribuir efetivamente para a construção de mundo pacífico e unido, as lideranças religiosas precisam realmente tomar uma posição de ruptura com aquela adotada no passado.

A religião pode ser vista tanto como luz quanto como trevas. Como luz, ela tem sido o maior de todos os meios, todos os instrumentos para o estabelecimento da ordem no mundo e para contentamento pacífico dos que nele habitam. Como



força civilizatória, por se preocupar com o enobrecimento do caráter e a harmonização das relações humanas, a religião sempre serviu, ao longo da história, como autoridade definitiva para se dar sentido à vida. Em todas as eras, a religião cultivou o bem, reprovou o mal e apresentou visão de potencialidades ainda por se alcançar. Tem sido a principal força a unir os diversos povos em sociedades cada vez mais amplas e complexas. A religião toca as raízes da motivação sempre que é fiel ao espírito e ao exemplo daqueles personagens transcendentais que legaram ao mundo os grandes sistemas de crença. Ela despertou efetivamente nas populações as capacidades de amor, perdão, criatividade, audácia, superação de preconceitos, sacrifício pelo bem comum e disciplina dos impulsos animais. Inquestionavelmente, a força seminal por trás de um refinamento da natureza humana tem sido a influência de todos os manifestantes profetas fundadores das grandes religiões.

Existem naturalmente diferenças entre as tradições religiosas, e isso se deve ao momento histórico em que surgiram para atender às necessidades de uma civilização que evolui constantemente.

Mas a religião também pode ser trevas e obscurantismo. Escreveu Bahá'u'lláh: *"Se a lâmpada da religião for obscurecida, reinarão o caos e a confusão, e as luzes da equidade, da justiça, da tranqüilidade e da paz deixarão de brilhar"; "O fanatismo e o ódio religiosos são o fogo devorador do mundo, cuja violência ninguém pode conter."*

Claro que esse não é fato recente, existem inúmeras ilustrações na história. Uma das maiores, as Cruzadas, durou 200 anos, e as guerras, especialmente no século XVI, na Europa, roubaram nada menos que 30% da população, cerca de 900 mil pessoas.



Entre as maiores vítimas no Brasil estão os adeptos das tradições afro-brasileiras. Apenas a partir de 1972, na Bahia, que os seguidores de candomblé puderam bater seus tambores em suas casas e terreiros sem pedir autorização à delegacia mais próxima.

Na verdade, estamos vendo o ressurgir da religiosidade fanática. A natureza de fenômenos destrutivos é o atestado da falência espiritual desses movimentos religiosos, porque vai contra tudo o que os próprios fundadores pregaram, como vimos anteriormente, que foi o amor, a tolerância, a compaixão, qualidades e atributos inerentes à alma humana.

Temos de reconhecer a religião e a ciência como os dois grandes sistemas de conhecimento que desenvolvem as potencialidades da consciência e da humanidade. Naturalmente, as percepções e as habilidades, que o avanço científico proporciona, têm que nos ajudar nesse contexto.

Vou passar mais rapidamente alguns **slides** referentes a uma retrospectiva dos últimos cinqüenta anos e praticamente mencionar os títulos.

(Segue-se exibição de imagens.)

As barreiras que separavam os povos, pouco a pouco, viraram pó. Vimos o surgimento das Nações Unidas, a expansão contínua de instituições democráticas em todo o mundo. Os sofrimentos da guerra e a divulgação disso levou a um novo comprometimento mundial, por exemplo, o surgimento das Nações Unidas, da declaração de direitos humanos, de avanços da mulher, das crianças, do adolescente e assim por diante.

Paralelamente, na vida econômica, houve o surgimento de diversas entidades de campo universal, como o FMI, o Banco Mundial e outras instituições.



Na Exposição Mundial Americana de 1893, surgiu o Parlamento das Religiões. Foi uma tentativa interessante de mostrar a unidade das religiões. Desde então, multiplicou-se o número de literatura de todas as tradições religiosas por meio da mídia, do rádio, da Internet. Hoje, na verdade, mesmo as instituições de caráter superior têm incluídos em seus currículos estudos das tradições espirituais.

A expansão da educação das massas, a maneira revolucionária como as pessoas passaram a ver uns aos outros, o avanço da causa da mulher, a luta mundial contra a pobreza, o avanço do conceito de cidadania mundial e a condenação mundial ao racismo — embora, naturalmente, tenhamos ainda o preconceito em todas as partes, indivíduos, sociedades ou comunidades, isto é, ninguém admite identificar-se com o racismo devido ao caráter negativo que já assumiu — indicam que estamos no limiar do futuro. A pergunta que se faz é a seguinte: por que não temos a mesma unidade de tolerância no campo religioso? É aqui, na verdade, que o preconceito tem sido mais persistente em sucumbir às forças de transformação.

As lideranças religiosas parecem, na sua maioria, incapazes de adotar mudança de postura tão elementar. Outros segmentos da sociedade acolhem as implicações da unidade da humanidade não apenas como próximo passo inevitável no avanço da civilização, mas também como a frutificação de nossa história coletiva. No entanto, a religião organizada permanece paralisada no limiar do futuro, aferrada àqueles mesmos dogmas e pretensões de acesso privilegiado à verdade, que foram, infelizmente, os motivadores de perseguição e intolerância no passado, e que corremos o risco de tê-los novamente. Nós já estamos vendo algumas experiências em outras partes do mundo, e há também essa possibilidade no Brasil. Portanto, é um momento decisivo de ruptura das lideranças religiosas com o passado.



Fico feliz que os nobres Deputados da Comissão Especial tenham incluído esse capítulo especial, pelo menos a discussão da questão religiosa, no Estatuto da Igualdade, porque é elemento motivador das ações do indivíduo. Podemos ter uma legislação extremamente avançada, mas, se os indivíduos não estiverem predispostos a uma mudança de ação, pouca coisa teremos. Bahá'u'lláh diz que o bem-estar da humanidade, sua paz e segurança são irrealizáveis, inalcançáveis, a menos e até quando se estabeleça firmemente sua unidade.

Portanto, para que a liderança tenha sentido na sociedade global, ela deve realmente tirar vantagem das perspectivas do processo civilizatório, dar o passo adicional que falta, especialmente no campo do diálogo inter-religioso, e, dessa forma, possa contribuir para que os males que afligem a sociedade desesperada sejam solucionados. Esse é o desafio histórico aos líderes religiosos.

Dizem os escritos Bahá'ís: *“A religião de Deus visa ao amor e à união. Não a torneis a causa de inimizade e conflito...”* *“Todos devem abandonar os preconceitos e devem freqüentar as igrejas e mesquitas uns dos outros, pois em todos esses lugares de adoração menciona-se o nome de Deus...”* *“Acautelai-vos para que a celebração não vos prive do celebrado, nem a adoração vos prive do adorado”.* *“Todos os homens foram criados a fim de levar avante uma civilização que sempre evolua. O onipotente dá-me testemunho — são palavras de Bahá'u'lláh —: agir como os animais do campo é indigno do homem. As virtudes condizentes com sua dignidade são a tolerância, a mercê, a compaixão e a bondade para com todos os povos e raças da terra...”*

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Muito obrigado, Dr. Antônio Gabriel Marques.



Passo a palavra ao Sr. Nestor João Masotti, Presidente da Federação Espírita Brasileira.

O SR. NESTOR JOÃO MASOTTI - Sr. Presidente, Deputado José Linhares, prezados colegas, senhoras e senhores, também registramos nosso agradecimento pelo convite para participar da discussão de assunto de real importância para toda a sociedade.

Tivemos a oportunidade de participar de uma reunião da Organização das Nações Unidas em agosto de 2000, quando houve um esforço — e continua havendo — para a união das religiões, ou, pelo menos, dos religiosos de todo o mundo, visando ao processo de entendimento, já que aquela organização (*Falha na gravação.*)... grande parte dos problemas humanos, até a violência, muitas vezes tem raiz na própria religião.

Um aspecto extremamente significativo foi a consciência, por parte de todos que lá estiveram, de que temos um ponto comum: Deus é o nosso criador. Somos filhos, somos criados por este Ser. Isso já nos coloca em condição de real igualdade. Dentro desse respeito à criação única, é importante que trabalhemos no sentido da convivência realmente fraterna entre todos os homens, independentemente da maneira pela qual entendam o processo de criação ou de adoração, de respeito, de relacionamento com este Ser superior.

Há pessoas que não aceitam este Deus, ou um Deus, ou, pelo menos, não se propõem a avaliar, analisar esse aspecto da vida. Outros os aceitam a seu modo, cada um com uma característica própria. Cabe a nós, indubitavelmente, procurar respeitar cada um quanto a esse processo de entendimento, já que somos seres, sem dúvida, criados dentro de um processo de simplicidade e de crescimento nos campos cultural e de realização da personalidade humana. Todo o processo de



crescimento passa, fatalmente, pela criação de hábitos, pela alimentação de culturas. O relacionamento com o Criador está bem marcante na personalidade do ser, desde as religiões mais primitivas, desde a idade da pedra, desde as primeiras manifestações em que o homem começou a entender a sua própria existência e a sua própria criação.

A doutrina espírita, estimados companheiros, basicamente se assenta em três máximas: *“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei”*. É a análise a respeito do homem, depois de reconhecer e compreender Deus como inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas. Mas quando se trata do próprio homem, de nós mesmos, fala-nos sobre a referida máxima. Há a convicção na doutrina espírita de que somos todos seres imortais. Apenas encarnamos e voltamos a reencarnar em outras oportunidades, progredindo permanentemente num processo de conquista não apenas de novos conhecimentos, mas de conquistas de virtudes que nós não temos. É lógico que se trata de um conceito colocado de forma espontânea. Ninguém é constrangido a aceitá-lo, nem a doutrina espírita se propõe a converter e a buscar a convicção de todos.

A doutrina espírita, no que diz respeito à fé, às convicções, traz uma máxima que também consideramos muito importante: *“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade”*. Isso faz com que quando alguma pessoa tem interesse em conhecer os princípios que a doutrina espírita pode oferecer, ela é convidada a estudar, a analisar, a verificar e a aceitar apenas aquilo que a sua razão lhe permite, que ela considera racional, aceitável, já que se entende que todo o processo de convicção própria sempre deve passar pelas fases do uso da liberdade, da avaliação consciente e pela verificação autêntica da sua racionalidade.



Também há outra máxima que a doutrina espírita nos traz no campo comportamental: *“Fora da caridade não há salvação”*. Isso quer dizer que fora de uma ação voltada ao bem, ao entendimento entre todos, busca-se no próximo desenvolver os próprios valores, não haverá por certo um crescimento espiritual por parte de ninguém. É preciso desenvolver, independentemente da religião que se tenha, ou de qualquer religião que porventura não se tenha, uma postura de real fraternidade com o semelhante, é preciso procurar servir ao próximo, vivenciar a caridade no sentido amplo — a doutrina espírita observa a caridade não apenas no aspecto de doação, de atendimento social, mas sintetiza esse conceito dentro daquilo que se entende que Jesus compreendia: *“Caridade — benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”*. Este o conceito de caridade que a doutrina espírita nos oferece como roteiro de comportamento.

Dentro desse princípio, portanto, observamos que há total e absoluto respeito à liberdade de todas as pessoas. Entende-se que sem o uso autêntico da liberdade jamais cresceremos, porque a liberdade sempre vem acompanhada da responsabilidade, e a responsabilidade só existe quando vem com liberdade.

Estimular o estudo, a experiência, promover a ação sempre voltada ao campo do bem são formas pelas quais o homem cresce, mas devem ser basicamente assentadas no total e absoluto respeito ao que o próximo pensa, sente e cultiva como valores principais.

No caso, nós até podemos dizer que o convite não é apenas para que respeitemos o próximo. A doutrina espírita procura resgatar da melhor forma possível os valores primitivos do evangelho que Jesus vivenciou e nos ensinou. E a mensagem cristã, na sua essência, como Cristo evidenciou, sintetiza todas as leis



que emanam do Pai Criador: *“Amarás ao Senhor teu Deus de todas as formas e amarás ao teu próximo como a ti mesmo”*.

Não somos convidados apenas ao respeito, mas a vivenciar um sentimento de real amor. No caso, o amor implica respeito, tolerância, compreensão ao próximo tal qual ele se apresenta e propósito permanente de ajudá-lo a crescer, a progredir.

Somente poderemos construir uma sociedade fraterna e de paz quando raciocinarmos da mesma forma, quando cultivarmos o sentimento de fraternidade comum, respeitando no próximo o direito de entender a vida como lhe aprouver, a forma pela qual possa cultivar seu relacionamento com Deus, nosso Pai criador, a sua própria religião, o seu próprio modo de ser.

Se partirmos para a idéia de que será necessária uma única forma de entender ou de praticar o relacionamento com Deus, nosso Pai criador, poderemos ter uma visão extremamente estreita desse mesmo Deus, quando, na verdade, observamos o universo e vemos que a riqueza é enorme, a natureza que nos envolve é magnífica. O nosso globo terrestre, muito pequeno diante da grandiosidade do universo que nos cerca, já nos mostra a capacidade da criação divina nos seus inúmeros detalhes. Se formos para um universo maior, a nossa capacidade de percepção ficará prejudicada devido à grandiosidade da vida.

A vida por si só é grandiosa, e a multiplicidade de forma de apresentação pode e deve ser alimentada no crescimento natural que todos temos. Mas a fraternidade, o respeito, a solidariedade e, acima de tudo, o amor entre todas as criaturas deve ser algo que precisamos trabalhar e construir dentro de nós.

Não será criticando nossos semelhantes que poderemos ser úteis a ele. Devemos compreendê-los, para termos uma boa convivência, e ajudá-los a olhar



melhor a vida. A convivência com o nosso semelhante é muito útil para também entendermos o que a vida nos oferece.

A doutrina espírita destaca nos seus textos a ação, os princípios e a informação, porque há muita desinformação, há observações que não são compatíveis com a realidade.

Chamamos a atenção para um texto oficial: *“O espiritismo respeita todas as religiões e doutrinas, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização e pela paz entre todos os povos e entre todos os homens, independentemente de sua raça, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social. Reconhece, ainda, que o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza”.*

Sentimos que nós, a despeito das precariedades ou dificuldades que ainda nos caracterizam, como sociedade, temos progredido. As leis e as doutrinas, que muitas vezes procuram oferecer amparo conveniente à própria vida, nem sempre representam a realidade de vida. Elas se apresentam como uma realidade que se busca. São diretrizes que nós, homens, seres humanos, buscamos trabalhar no processo de aprimoramento.

O que é importante para nós é que nos convençamos de que somos seres mutáveis, somos seres que se aprimoram constantemente, somos seres num constante processo de progresso. E é dentro dessa convicção que cabe a nós fazer sempre o esforço de sair de uma postura que realmente não nos convém para vivenciar aqueles princípios que norteiam uma vida mais sadia e mais nobre, princípios que possam realmente propiciar a construção de um mundo mais solidário, mais fraterno, mais coerente com os nobres fundamentos que emanam da



idéia de que Deus é o nosso Pai Criador, e a lei maior que rege a vida é a lei do amor.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) - Agradecemos ao Sr. Nestor João Masotti, Presidente da Federação Espírita Brasileira.

Passamos a palavra ao Sr. João Mendes de Jesus, Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus.

O SR. JOÃO MENDES DE JESUS - Boa tarde a todos. É uma alegria muito grande estar aqui neste plenário para falar sobre esse tema tão importante da nossa vida, da sociedade de modo geral.

Sr. Deputado José Linhares, demais Sras. e Srs. Deputados; Sra. Valdina Pinto, professora e pesquisadora da cultura afro-brasileira; Sr. Antônio Gabriel Marques, representante da Comunidade Bahá'í do Brasil; Sr. Nestor João Masotti, Presidente da Federação Espírita Brasileira; Sr. Josué Mello Salgado, Pastor da Igreja Memorial Batista de Brasília e da Convenção Batista do Distrito Federal; Sr. Gilberto Antônio Ferreira, sacerdote do candomblé, e Sra. Maria Aparecida de Souza Ramos, professora de Antropologia da Religião e Ética da Universidade Católica de Brasília, UCB, é de grande importância e de indizível valor para a sociedade que ora se constrói termos diante de nós, baseando-nos em pilares fincados de sólida constituição de valores humanos e sociais, a oportunidade de avaliarmos o que se passou e propormos reflexões seguras para o amanhã de nosso País. Estamos, enfim, diante da possibilidade de abrir caminhos para que nosso povo, em seus diversos matizes de cor, etnia, procedência, conceitos e religiões, tenha direitos absolutos e equalitários em suas mínimas configurações — e quiçá nos tornemos



um padrão a ser seguido mesmo por nações que já alcançaram maior desenvolvimento material que o Brasil.

Temos que aludir à questão das duas liberdades propostas para este painel, quais sejam: a de consciência e a de exercício de cultos religiosos. Não há nada que se possa levantar que justifique a opressão e a tentativa de interrupção dessas liberdades, que são as mais interiores dos seres humanos, liberdades que podem, irmanadas, satisfazer peculiaridades inatas apenas a nós humanos, dentre todas as formas vivas conhecidas, e estão ambas ligadas entre si, sendo impossível ter uma e renegar a outra. Quando existe a liberdade de consciência sem a liberdade de culto, há uma opressão velada, pois parte da consciência foi impedida de agir livremente, numa tentativa de racionalizar ao extremo a realidade espiritual do homem. Por outro lado, a liberdade de culto sem a liberdade de consciência é a opressão imposta pela fé irracional, que tenta a todo custo induzir o homem a seguir os passos de fanatismo, passos esses que findam por impedir a liberdade do próximo.

O ser humano anseia por liberdade desde tempos remotos. O homem tem-se esmerado em atingir o estado de ser livre para pensar e demonstrar sua fé. Na busca por esse precioso bem, que não se mensura mas é dos mais caros e de difícil aquisição, culturas e sociedades já se levantaram e caíram.

Governos, impérios, reinos e personalidades já tentaram acabar com a liberdade em suas várias formas, mas jamais conseguiram fazê-lo, salvo por períodos delimitados, pela ação de um poder espúrio e sem qualquer respaldo. A própria conceituação de liberdade por vezes sofreu alteração semântica, mas jamais o homem perdeu o fio que o prendia a esse ideal maior.



O que os pensadores têm analisado é que o impedimento da liberdade de algum nada mais é do que a tentativa de sobreposição da liberdade de outro à daquele. Por isso, podemos iniciar nossa reflexão dizendo que os conceitos de liberdade existem para todos e que, quando um determinado padrão particular de interpretação de liberdade se manifesta acima de todos os outros, a liberdade daquele exclui a possibilidade de liberdade dos demais.

Assim, voltando-nos para exemplos que podem ser assemelhados, vemos que quando uma raça, uma etnia ou um grupo quer impor sua liberdade a qualquer custo, a liberdade do outro simplesmente desaparece, surgindo a segregação. Quando um grupo afim tenta fazer com que seus conceitos sobrepujem os circundantes, as demais formas de pensamento, simplesmente as aniquilam.

Nosso papel, numa civilização que se arvora o direito de ser democrática e igualitária, é dar condições para que os dois maiores bens interiores da humanidade sejam não apenas preservados como também estimulados.

Quando analisamos as questões mais atinentes à fé, percebemos paralelos imediatos com a consciência.

Antes, para que não tenhamos dúvidas posteriores, é bom salientar o que seriam os parâmetros para reconhecimento de questões de âmbito cultural ou religioso, mesmo quando são extremamente próximas entre si. Para reconhecermos uma religião, cremos ser de percepção básica e primária a existência de quatro elementos básicos: a) um conjunto de postulados comuns em torno da mesma fé, mesmo com nuances de interpretação; b) um elemento divino ou metafísico com o qual o homem se relaciona, mesmo que seja impessoal; c) um corpo sacerdotal, mesmo que sua denominação seja particular a esse grupo; d) a existência de um corpo de fiéis. Nesses parâmetros podemos incluir tantas expressões de fé e tantos



cultos quanto os que possamos classificar dessa maneira objetiva. Portanto, o católicos, espíritas, protestantes, bahá'ís, muçulmanos, testemunhas de Jeová e demais religiosos, até os menos preocupados com a formalização de suas crenças, como os esotéricos, podem ser declarados participantes de um conceito de fé, de um postulado religioso. Então, devemos ser bastante lúcidos e antever que, a despeito de um determinado grupo ter a intenção de não se classificar como religião, vem a sê-lo mesmo assim. Isso, antes de ser demeritório para esse grupo, significa que ele deve ser informado de que a lei e a sociedade em nosso País estão envidando todos os esforços para que sejam trazidas a justiça e a igualdade de liberdade de consciência e de culto para todas as formas de expressão de fé.

Embora afeitas a uma história cultural e social, devemos entender que religiões não são apenas cultura, mas cultura religiosa. A pregação religiosa prevê, salvo raras exceções, crescimento e novas adesões, o que não deve ser considerado como traição à fé, mas como possibilidade de total expressão da liberdade de consciência. Por isso é possível ver pessoas de origens e tradições diferentes participando de novos postulados de fé, como negros e orientais que se tornam cristãos, brancos e orientais que professam cultos afro-brasileiros e negros e brancos que professam religiões orientais. Isso, além de natural em sociedades múltiplas, é aceitável e enriquecedor.

As relações entre os grupos de diferentes conceitos deve ser de absoluta cordialidade e perfeita convivência. Cremos que todas as religiões têm em seu bojo expressões de paz e de salutar harmonia com o próximo. Cremos também que os eventuais desvios desse padrão são ocasionados não pela religião e seus crentes, mas por elementos que radicalizaram a sua fé, perdendo a capacidade de respeitar a consciência e a fé alheia. É possível haver perfeita harmonia e completa paz entre



os grupos religiosos sem que seja necessária a sincretização de seus parâmetros ou mesmo a supressão de alguma religião.

Mesmo assim, sendo livres, temos de cuidar para que a liberdade de expressão, mais afeita à liberdade de consciência, não sucumba diante da liberdade de culto. O fato de respeitar a religião do próximo não pode impedir alguém de outra fé de ter sua postura de crença e a conseqüente expressão de sua opinião, desde que feita com a correta dosagem de respeito. Utilizando o exemplo das representações da Mesa, é perfeitamente possível e normal que venham a conviver lado a lado um espírita e um protestante, que têm e pregam crenças diferentes, ou mesmo um protestante e um bahá'í. Devemos perceber que crescemos. Nossa sociedade está mais amadurecida. Os fatos do passado devem ensinar-nos e fazer-nos ver com olhos mais lúcidos o que temos à nossa frente.

As oposições há pouco citadas estão no âmbito da liberdade de consciência. Se alguém as impedir a título de promover liberdade de culto, esse alguém estará incorrendo no problema do desrespeito à liberdade integral do ser humano. As diferenças existem para nos ensinar, não para que lutemos para extingui-las. Somos forçados a aprender com a abnegação, com a disposição de fazer o bem, com a credulidade, com o ânimo de vencer, com a perseverança, com a busca pela paz que algumas religiões, mais que outras, desenvolveram. O respeito pelas diferenças deve ser, assim, didático, em vez de cerceador.

Precisamos entender ainda que muitas das religiões têm uma base que se expande e diversifica, assim como um tronco do qual várias ramificações eclodem, florescendo como fé e como modo de vida, um fenômeno que devemos observar criteriosamente. O cristianismo tem suas vertentes principais — católicos, ortodoxos e protestantes —, e cada uma delas têm subdivisões. Os espíritas, da mesma forma,



têm suas ramificações principais no kardecismo e nos cultos de origem africana. As demais religiões, da mesma forma, também têm adaptações e ramificações, o que certamente as enriquece.

Não cremos que seja papel do Estado promover as religiões, mas sim dar-lhes condições de funcionamento livre e desimpedido, desde que não firam as demais, nem a sociedade como um todo. Não cremos que caiba ao Estado, por exemplo, o empenho financeiro na direção de reformas ou construções de templos ou locais de culto, mesmo que eles representem um patrimônio histórico. Cremos que o Estado deve funcionar como elemento regulador e observador, para que as diversas expressões de fé encontrem seu espaço na sociedade.

Como participantes do cristianismo, especificamente do ramo protestante, precisamos evocar aquilo que a Bíblia nos traz como base para nossa consciência e para nossa fé. Utilizando-nos de expressões bíblicas sobre a consciência, vemos a sabedoria divina aí exposta, em sentenças como: *"Pois por que há de ser julgada a minha liberdade pela consciência alheia?"*, extraída da Primeira Carta do Apóstolo Paulo aos Coríntios, capítulo 10, versículo 29. Ouçam o que o mesmo Paulo diz a seu discípulo Timóteo, a respeito de fé e consciência: *"Mantendo fé e boa consciência, porquanto alguns que rejeitaram a boa consciência vieram a naufragar na fé"* (Primeira Carta do Apóstolo Paulo a Timóteo, capítulo 1, versículo 19), ou a análise endereçada por Paulo a Tito, em Carta que leva seu nome, capítulo 1, versículo 15, onde se lê: *"Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes nada é puro, porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas."*

Quanto à nossa razão de fé, podemos levantar como exemplos bíblicos primários: *"Testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com*



Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (Atos dos Apóstolos, 20:21), ou mesmo: "Pois não me envergonho do Evangelho, porque é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego, visto que a justiça de Deus se revela no Evangelho de fé em fé, como está escrito: o justo viverá por fé" (Carta de Paulo aos Romanos, 1:16-17). Finalmente, lemos na Carta aos Hebreus, 11: 6, que "de fato, sem fé, é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam."

Assim, crendo na direção divina, tomamos a posição de declarar que é justo e digno que todos tenhamos a liberdade formal e legal de manifestar abertamente nossas opiniões e credos, não os confundindo com cultura, mesmo reconhecendo sua proximidade, mas com a digna razão de escolha em fé e em consciência.

Que Deus nos abençoe e a esta Nação, fazendo de todos nós os seus instrumentos em prol da nossa sociedade.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) - Agradecemos ao Sr. Bispo João Mendes de Jesus.

Passamos a palavra ao Sr. Pastor Josué Mello Salgado, Presidente da Igreja Memorial Batista de Brasília e da Convenção Batista do Distrito Federal.

O SR. JOSUÉ MELLO SALGADO - Muito obrigado. Boa tarde a todos.

Em primeiro lugar, faço minha saudação a S.Exa. o Sr. Deputado José Linhares e aos demais membros da Mesa. Agradeço o privilégio de participar deste painel sobre a liberdade de consciência e de crença e o livre exercício dos cultos religiosos como um dos expositores. Julgo de importância cabal o objeto deste



painel e do Seminário sobre Igualdade Racial, neste debate que visa à instituição do Estatuto da Igualdade Racial.

Em 1998, defendi tese de Doutorado em Teologia na Universidade de Hamburgo, na Alemanha, intitulada, em tradução, "Em Rota para uma Teologia Afro-Brasileira — Uma Investigação Missiológica e Interconfessional", publicada em 1999, em Aache, Alemanha. Nessa tese, investiguei as linhas gerais de uma Teologia Afro-Brasileira, que contém em si uma visão profunda de liberdade religiosa para os descendentes de escravos africanos seqüestrados para o Brasil.

A igualdade racial, ou, melhor dizendo, a pluralidade cultural brasileira precisa ser reconhecida e defendida. Entretanto, nosso tema hoje não é a igualdade racial, mas a liberdade religiosa. E sinto-me a cavaleiro para fazer uma declaração ou uma confissão de fé: sou batista. E devo fazer tal confissão porque os batistas, como tentaremos mostrar, foram grandes protagonistas da liberdade religiosa.

Devo, entretanto, enunciar a tese que pretendo defender nestes poucos minutos a mim concedidos: a de que a liberdade religiosa se fundamenta no princípio de religiões ou igrejas livres num Estado laico. Com isso, quero dizer que a liberdade religiosa, a liberdade de consciência, a liberdade de crença e a liberdade do livre exercício de culto só serão plenamente exercidas na direta relação da desestatização, de direito e de fato, das Igrejas, e, por outro lado, da laicização, de direito e de fato, do Estado.

Quero também dizer com isso que para mim o fundamento da liberdade religiosa não é o da unidade, mas o da alteridade, que significa o respeito à diferença, o respeito ao outro. Historicamente, por exemplo, a tentativa de unidade de credos caminhou para a tentativa de uniformidade, e na uniformidade vence o mais forte; de modo que o nosso fundamento para a liberdade religiosa não é o da



unidade de todas as religiões, mas, repito, o da alteridade, do respeito e da convivência mútua com objetivos humanitários, de celebração da vida e da humanidade — como disse Francis Schaeffer, a co-beligerância em favor de causas humanitárias.

É preciso fazer uma digressão histórica para fundamentar o que eu digo aqui. Os batistas foram grandes protagonistas da liberdade religiosa. Quero lembrar que o namoro com o Estado, a união entre Igreja e Estado, ou religiões e Estado, historicamente deu lugar à corrupção, à idolatria estatal e à cooptação de Igrejas ou de religiões por causas políticas e estatais. Na Alemanha nazista, Hitler foi aclamado não somente pelas massas mas também por Igrejas como o **führer**, o líder, o chefe. Em 313, o Imperador Constantino declarou ter tido a visão de uma cruz com uma frase que dizia: "*Com este sinal vencerás*". Esse acontecimento funesto, por trás do qual está exatamente a idéia de unificação do Estado a partir da unidade religiosa, deu os primeiros indícios da estatização do cristianismo, que se cumpriu em 378, sob o governo do Imperador Teodósio. O cristianismo virou uma cristandade.

Essa união entre Igreja e Estado teve conseqüências trágicas para o desenvolvimento da história cristã. O historiador A. Newman disse que o cristianismo se tornou tão forte que acabou sendo oficializado, e tão corrupto que se regozijou com essa oficialização.

Alguém disse que no início do Século IV era proibido ser cristão, e no final do mesmo século era proibido não ser cristão. No Século XVI, os anabatistas, historicamente ligados aos batistas, ou aos quais estamos ligados, como batistas, implantaram as bases da liberdade religiosa no continente europeu, quando isso era uma novidade. Um deles escreveu: "*A fé é obra de Deus, e não o resultado de tortura*".



Os precursores da denominação batista na Inglaterra no Século XVII foram campeões da liberdade. John Smyth, fundador da primeira Igreja Batista de fala inglesa — cerca de oitenta pessoas, na Holanda —, em 1609 anunciou pela primeira vez para os ingleses o princípio da liberdade religiosa. Ele disse: *"Cremos que o magistrado não deve ter nada a ver com a religião ou com os assuntos da consciência, porque só Cristo é o rei e o juiz da Igreja e da consciência."* Smyth, de sua Igreja, em 1611, publicou uma declaração de fé que incluía a defesa da plena liberdade religiosa — vejam bem, em 1611.

O fundador da primeira Igreja Batista na Inglaterra, Thomas Helwys, escreveu em 1612 o seu famoso texto "Breve Declaração do Mistério da Iniquidade", enviado ao Rei Tiago I. O historiador Jordan considerou-o a defesa mais nobre e clara da liberdade religiosa que a Inglaterra jamais viu. Helwys afirma: *"O rei não pode ser juiz entre o homem e Deus, e não deve perseguir a ninguém, nem a hereges, nem a turcos, nem a judeus."* Preso por defender a liberdade religiosa, permaneceu na cela até a sua morte, em 1614.

Leonard Büchen, outro batista, publicou em 1614 um tratado chamado "A Paz Religiosa, Uma Súplica Pela Liberdade de Consciência", em que defendia a completa liberdade. Roger Williams, fundador da primeira Igreja Batista na América do Norte, escreveu o importante "Tratado Político da Pequena Colônia de Providence", no hoje Estado de Rhode Island, em 1636; ele e seu colega John Clark fundaram duas colônias, uma em Providence, outra em Porto Novo. Em suas cartas de constituição, incorporou-se a completa liberdade religiosa. Williams chamava sua colônia um experimento vivo, por causa da inovação na história política.



É verdade que o Iluminismo, o **Aufklärung** alemão, com sua forte dose de anticlericalismo, influenciou muito o pensamento de liberdade religiosa, promoveu a luta pela liberdade religiosa, como também pelo pluralismo religioso.

No Brasil, a Constituição de 1824 estabeleceu o catolicismo romano como religião do Império, mas permitiu o exercício de outras crenças em casas sem aparência exterior de templos. O único casamento reconhecido era o religioso, celebrado por sacerdotes católicos, e os cemitérios eram controlados pela Igreja Católica. Assim, não havia direito de adorar, nem de casar, nem de morrer na religião. Infelizmente, a conseqüência histórica dessa estatização de uma religião gerou o que normalmente gera: perseguição aos que não seguem a mesma doutrina. Foi essa a triste marca da história dos batistas no Brasil, a perseguição da qual foram alvo durante muitos anos.

Depois da proclamação da República, o novo Governo garantiu a liberdade religiosa. A Constituição brasileira de 1891 desestatizou de direito a Igreja Católica, e as Constituições posteriores garantiram, ou garantem, a liberdade religiosa e a separação entre Igreja e Estado. Hoje os brasileiros gozam da liberdade de cultuar Deus e divulgar sua religião, embora haja, na prática, alguns aspectos que cerceiem de certo modo essa liberdade.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela Organização das Nações Unidas em 1948, afirma o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião, à liberdade de expressão e de opinião, e à liberdade de reunião e associação pacíficas.

Os batistas muito antes disso pleitearam a liberdade religiosa, não somente para si mesmos, mas para todos os credos. Falar, portanto, de liberdade religiosa é falar também da história dos batistas no mundo.



Através dos tempos os batistas têm-se notabilizado pela defesa de quatro princípios basilares que fundamentam a liberdade religiosa: separação entre Igreja e Estado, absoluta liberdade de consciência, responsabilidade individual diante de Deus e, junto com isso, liberdade de propagação. Cremos que liberdade religiosa significa liberdade de crer, isto é, liberdade de consciência; de adorar, isto é, liberdade de culto; e também de propagar a fé sem coerção governamental.

É importante pensarmos sobre a liberdade de consciência. Cremos na consciência do indivíduo diante de Deus. Cada pessoa é responsável por si mesma diante de Deus. Cada indivíduo tem o direito de seguir aquilo que sua consciência ditar, ou até mesmo não seguir nenhuma religião. Cada indivíduo é e deve ser livre para atuar segundo os ditames de sua consciência. É por isso que os batistas, por exemplo, não praticam o batismo infantil. Crêem eles que a decisão acerca da fé vem com a idade da consciência. A fé cristã é voluntária.

A liberdade de consciência está fundamentada na **imago dei**, na imagem de Deus no homem. O homem traz em si a imagem de Deus. Isso implica liberdade de escolha. Aliás, verdade essa afirmada pelo próprio Jesus, em Lucas 9:23: "*Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.*" Jesus proclama a liberdade inalienável que o ser humano tem de crer, mas também de não crer.

O que preconizamos, portanto, não é a mera tolerância, mas o reconhecimento da liberdade — liberdade que signifique também a liberdade do outro, dentro dos princípios da alteridade. Alguém disse que só há um lugar onde existe unanimidade absoluta: o cemitério. Enquanto há vida, há variedade, há pluralismo. Entretanto, o pluralismo é a nossa afirmação do fundamento da liberdade religiosa, e não a unidade.



É forçoso dizer que não temos uma concepção ingênua de liberdade religiosa, que está muitas vezes atrás da expressão “todos os caminhos levam a Deus”. Precisamos reafirmar que nem todos os movimentos religiosos visam, por exemplo, ao bem-estar do homem. Há poucos meses, vimos o seqüestro, a morte e o sacrifício de uma pessoa na Alemanha por participantes de movimentos religiosos. Isso prova que nem sempre todos os caminhos, de fato, são positivos.

Alguém disse algo muito interessante numa canção: *“Se disseres: sou fiel naquilo que eu creio, todo caminho leva a Deus, não basta ser sincero. Mas, se tomares a estrada do Rio para Salvador, Porto Alegre não verás, mesmo que sincero fores”*. Sinceridade não é sinônimo de verdade, há muitos que podem estar sinceramente enganados.

Em segundo lugar, fundamentamos nossa concepção de liberdade em convicções. Não cremos que a defesa da liberdade religiosa implique abandono de convicções, que o diálogo que se estabelece com pessoas de outras confissões religiosas implique abandono de suas próprias convicções. Não cremos que esse reconhecimento implique abandono de nossas convicções. Aliás, o autor francês Roger Garaudy, escrevendo acerca do diálogo religioso, diz que o diálogo que se pede não é um diálogo que peça a alguém que deixe de ser o que é, mas que o seja cada vez mais e melhor.

Cremos, portanto, e temos algumas convicções. Por exemplo, cremos que a Bíblia é a revelação de Deus aos homens; cremos que a Bíblia ensina que o homem está em pecado e, portanto, alienado de Deus; cremos que Jesus Cristo é o caminho para a salvação. Mas cremos também que todo homem tem o direito de responder positiva ou negativamente a este convite de salvação de Deus em Cristo Jesus. Para os batistas, a plena liberdade religiosa requer separação entre Igreja e Estado.



Qualquer igreja oficial ou estatal fere o princípio da liberdade religiosa, seja essa igreja estatal de direito ou de fato.

Assim, não creio que fortaleça o princípio da igualdade a manutenção, por exemplo, de um feriado nacional que promova o ícone de uma religião, ainda que seja a religião da maioria da população. Não é saudável um feriado chamado Dia do Evangélico aqui no Distrito Federal. Não cremos na religião por decreto. Não cremos em leituras da Bíblia forçadas em casas legislativas ou escolas.

Se queremos, de fato, direito à liberdade de consciência e de crença e ao livre exercício dos cultos religiosos, se queremos o estatuto da igualdade, não podemos ignorar os princípios da desestatização, de direito e de fato, de todas as religiões, com a laicização do Estado brasileiro e a fundamentação da liberdade religiosa não na unidade, mas na alteridade, com respeito, e na caminhada, na co-beligerância pelo bem da humanidade.

Que as religiões não sejam perseguidas por suas convicções, mas julgadas por sua adequação aos direitos humanos e, sobretudo, aos princípios divinos do postulado da vida acima de todas as coisas.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Agradeço ao Pastor Josué Mello Salgado, Presidente da Igreja Memorial Batista de Brasília e da Convenção Batista do Distrito Federal.

Há três debatedores, mas, dado o avançado da hora, pois às 16h começará, no plenário, o período da Ordem do Dia, pediríamos que cada um fosse breve em sua intervenção.

Chamaremos os três debatedores. Cada um dirá para quem dirigirá sua pergunta.



Concedo a palavra ao Sr. Iradj Eghrari.

O SR. IRADJ EGHRARI – Primeiramente, parabenizo esta Comissão Especial pela iniciativa de levantar o debate dentro da percepção do Estatuto da Igualdade Racial. De fato, estamos falando da população afro-brasileira, que compõe 47% deste País; estamos falando da população afro-brasileira, que tem sua percepção de religiosidade também baseada em uma matriz africana e que busca fazer valer aquilo em que crê, acredito até que por questão de direito inalienável de cada ser humano.

Como membro da comunidade Bahá'í, fico muito feliz em ver um caráter daquilo — e aqui um comentário dirigido ao Pastor Josué — que significa a minha compreensão de unidade. As palavras realmente são capciosas e sempre podem nos levar a enganos. Unidade pode ser uniformidade, mas a unidade também necessita do diferente, caso contrário, seria unicidade. Falar em unicidade da religião é um perigo, pois, na verdade, significa dizer que há somente uma religião.

Percebemos a existência de partes diferentes na unidade, segundo minha compreensão da palavra. Eu até concordaria com sua observação de unidade no perigo dessa outra unidade uniformidade. Mas eu me refiro à unidade como peças de uma máquina formidável, que é a realidade humana. Cada uma, encaixada uma na outra, consegue dar uma colaboração que não conseguiria fazer sozinha.

Encerro minha intervenção com um testemunho pessoal. Devido ao meu envolvimento com a luta pela eliminação da discriminação e a superação do racismo, cada vez mais passei a ter contato com amigos que professam o candomblé. Esta tem sido para mim uma experiência fantástica: conhecer algo que desconhecia, carioca que sou, que ouvia falar da religiosidade africana das formas mais diversas possíveis. Não estou querendo caracterizar como se dava essa



diversidade, mas perceber a beleza de uma expressão religiosa que é capaz de nos colocar em contato com nossa ancestralidade, em contato com nossa raiz, mais próximos da própria existência da natureza, e é capaz de nos proporcionar percepção de unidade. No candomblé vejo percepção de unidade como em raras expressões religiosas sou capaz de ver. Há muito em expressões mitológicas, sim, mas a mitologia não é tida como religião. O candomblé, em sua cosmovisão, é para mim de grande beleza.

Enfim, trago o testemunho de alguém que desconhecia algo. Conforme foi dito esplendidamente por todos os participantes da Mesa, em momento algum, o convite para conhecer o diferente é uma imposição de mudança, de aceitação, de transformação, mas um convite para somar. Creio que o que a Mesa conseguiu fazer hoje, com grande maestria, foi possibilitar aos representantes das religiões, estudiosos e professores presentes um convite à compreensão de que podemos abrir nossos horizontes e perceber um universo muito mais amplo do que aquele que conhecemos.

Meus parabéns à Mesa, meus parabéns a todos os expositores e, principalmente, por meio do Deputado José Linhares, meus parabéns a esta Comissão Especial pela iniciativa de realizar este debate.

Muito obrigado.

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Concedo a palavra ao Sr. José Luiz Nascimento Alves, conhecido como Ogã Luiz Alves.

O SR. JOSÉ LUIZ NASCIMENTO ALVES – Ao pai Gilberto, que Olorum lhe dê muita paz e sabedoria. Aos demais membros da Mesa, boa tarde.

Em primeiro lugar, explico a razão de cumprimentar um membro da minha religião, da qual sou Ogã. São muitos anos, muitos séculos de palavras presas na



garganta. Nosso grito quer ecoar pelo mundo, mas não estamos conseguindo fazer com que ele ressoe. Essa é a razão.

Em segundo lugar, quero falar ao Bispo João Mendes de Jesus. Sinceramente, não entendi sua explanação, que achei vazia de ação. Nós, que somos membros da religiosidade afro-brasileira, somos atacados diuturnamente por esse megaprojeto espiritual chamado Igreja Universal do Reino de Deus, do qual o senhor faz parte. Nós, que somos membros da religiosidade afro-brasileira, há duas semanas fomos atacados de forma covarde e leviana pelo programa mantido por sua Igreja. Os senhores incitaram a população de Brasília a ir ao Parque do Pedalinho, no Parque da Cidade, para impedir a instalação das esculturas que representam os nossos orixás. Eu queria saber como os senhores têm a cara de pau — desculpem-me a expressão — de fazer um discurso tão bonito e tão vazio de ação.

Dia após dia, temos sido atacados pelos programas da Igreja Universal do Reino de Deus, em que os senhores falam absurdos, que inclusive não são dos nossos atos, porque não temos nenhum fundamento com fotografia, pipoquinha e mel em cima. É preciso haver respeito. Falar em respeito à religiosidade e à liberdade de culto significa respeitar inclusive a adversidade, as pessoas como um todo. Não é só fazer discurso bonito.

Hoje, cada terreiro, meu senhor, é um quilombo contemporâneo, porque estão nos terreiros de candomblé e umbanda a preservação da essência da cultura afro-brasileira. Onde mais se ouve falar em Orubá a não ser dentro de um terreiro? Se hoje comemos acarajé, vatapá, aluá é porque esses segredos ficaram anos e anos escondidos dentro dos terreiros de candomblé até serem considerados pratos nacionais, ajudando a divulgar a cultura brasileira no exterior.



É necessário parar com a venda de Deus e de Cristo nesses cassinos celestiais, como se fossem mercadoria vagabunda, contrabandeada do Paraguai. Isso tem de parar. Esta Casa precisa tomar uma decisão e fazer uma devassa. É impossível que uma entidade com menos de 25 anos de existência possua o que tem, com base no ataque e na falta de respeito à religiosidade. Eu digo isso como membro. Tenho certeza de que muitos gostariam de dizer estas minhas palavras. O respeito tem de partir daí.

Não estou contando nenhuma história. Basta ligarmos a televisão e vermos qualquer programa, como o **Fala Que Eu Te Escuto**. Não consegui trazer o material, mas tenho fitas que mostram que minha religiosidade e cultura são atacadas pela Igreja Universal do Reino de Deus. É preciso ter responsabilidade. Os senhores querem crescer? Cresçam, mas com honestidade. Os senhores querem conquistar adeptos? Conquistem, mas com responsabilidade. Não é atacando, difamando outras religiões que os senhores vão crescer.

Há algum tempo, quando os senhores chutaram a santa Nossa Senhora Aparecida, todos se estarreceram. Temos sofrido ofensas desse tipo diariamente. São ataques aos babalorixás, às ialorixás, às iaôs. Inclusive, na própria Bahia, há a determinação de se implantar uma igreja protestante ao lado de cada terreiro. Os adeptos dos candomblés, dos terreiros, dos ilês são impedidos de entrar nas casas. Por isso pergunto a esta Casa: que liberdade de expressão é essa? Todos vêm aqui e falam bonito, mas não há ação. Onde está a ação desse povo? Já é tempo. Não dá mais para segurar. Não dá mais para agüentar isso. Inclusive peço ao Relator que leve em consideração minhas propostas.

A primeira delas é que nós, membros das religiões de matrizes africanas, queremos as mesmas benesses das denominações cristãs, tais como isenção de



impostos. A segunda proposta é que exista de fato a liberdade de expressão religiosa, mas acompanhada de um processo de investigação e de punição àqueles que não a respeitam.

Desculpem-me se de repente me exaltei, mas são mais de quatrocentos anos de grito sufocado. Nossa religiosidade está sendo, toda ela, dizimada, vilipendiada por irresponsabilidade de alguns camelôs de Cristo.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Concedo a palavra ao último interventor, Sr. Wilson Valeci da Silva, representante do terreiro Ilê Axé Orixá Dewi; em seguida, aos membros da Mesa.

O SR. WILSON VALECI DA SILVA – Ilê Axé Orixá Dewi, a casa de meu pai. Sou dono do Salão Afro Nzinga, um espaço cultural. Boa tarde, senhores membros da Mesa.

Vou falar de maneira geral para todos.

Em primeiro lugar, informo que sou de candomblé. Portanto, não acredito em Jesus Cristo, como os budistas e os islãs não acreditam. Também não acredito na Bíblia. Não sou cristão. Não somos espíritas. Espírita é quem segue a linha de Allan Kardec. Não somos grupos culturais. A religião Afro não é uma cultura, não é um grupo cultural. É uma religião, porque tem fundamentos e dogmas. É a primeira religião da humanidade.

Quando o homem Pã surgiu no Quênia e na Etiópia, a religião Afro surgiu. O homem, com medo da natureza, começou a adorar os fenômenos de que tinha medo. Foi quando surgiram os orixás. Portanto, é a primeira religião.

Ocorre que, desde o início dos tempos, estamos sendo perseguidos, atacados. Mas, por incrível que pareça, chegamos vivos ao ano 2002.



Vocês têm de colocar na cabeça que é impossível destruir nossa religião. Foram quinhentos anos de escravidão, de sofrimento, de perseguição à nossa religião, mas conseguimos escapar. Não vai ser através dos meios de comunicação que irão nos destruir. Vocês estão levando este País a um conflito religioso! Nós, da religião Afro, não vamos mais nos esconder atrás de santo de ninguém! Vamos reagir.

Existem, no País, religiões sérias que respeitam, apesar de não aceitar — não precisam aceitar —, outras religiões. Essas são verdadeiras religiões. Mas o que acontece no Brasil é que há seitas religiosas que não respeitam nem aceitam outras. Há pouco tempo, tentaram destruir o terreiro do meu Pai. Foram os discípulos dessas seitas pentecostais que estão por aí. Chegaram a colocar os tratores no nosso terreiro. Eu e outros vinte membros da religião Afro dissemos àquelas pessoas que, se elas derrubassem o terreiro, não iria sobrar uma Igreja Universal de pé na cidade, pois iríamos tocar fogo em tudo. Seria nossa resposta. Eles pararam.

Quero dizer o seguinte: vocês nos respeitem, parem de nos atacar, porque vocês, cedo ou tarde, vão transformar este País num Oriente Médio. Não vamos mais baixar a cabeça para vocês! Infelizmente, o que dói é saber que irmãos nossos que estão aqui graças à luta de nossos antepassados fazem parte desse complô contra nossa religião. O mais grave, que deixo como denúncia, é a nova discriminação que vem ocorrendo no País: a discriminação religiosa.

Vários evangélicos estão abrindo lojas e, ao descobrirem que algum empregado é espírita ou de candomblé, mandam embora. Eles só empregam evangélicos. Para vocês terem uma idéia, eu tenho um salão afro, com quatorze funcionários. Quatro são evangélicos. O que quero deles é sua capacidade



profissional e o respeito a minha religião. Eles não precisam aceitá-la, apenas respeitá-la. Como eles a respeitam, estão empregados.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Algum membro da Mesa gostaria de fazer intervenção? (*Pausa.*)

Temos poucos minutos para o encerramento desta audiência pública.

Com a palavra o Bispo João Mendes de Jesus.

O SR. JOÃO MENDES DE JESUS – Como as palavras foram dirigidas basicamente a nós, queremos dizer a vocês que são adeptos da religião Afro, ou melhor, do Candomblé, enfim, que vocês talvez não imaginem o quanto os respeitamos e amamos. É verdade!

A verdade é que vocês e todos nós somos descendentes de tudo isso, fizemos isso no Brasil, isso já é uma cultura que vem de nossos ancestrais. Eu sou negro, vocês sabem. Nós somos todos descendentes de africanos. Meus pais são oriundos de nações, com certeza: geges, nagôs, iorubas etc.

Temos evoluído no que diz respeito às observações, à vida e ao que diz o Evangelho, a palavra de Deus, embora o Wilson diga que não crê em Jesus Cristo, não aceita a Bíblia como regra, como Livro Sagrado. É um direito que ele tem e que todos têm de não acreditar na Bíblia ou em qualquer coisa. Mas é um direito que nós temos de acreditar nas palavras que ali estão.

Quero dizer que, certa vez, o Senhor Jesus chegou a uma cidade onde havia um homem completamente possesso, perturbado, endemoninhado, que correu para Jesus e lhe disse: “*Senhor, Mestre, por que vem nos atormentar aqui?*” O homem corria de um cemitério, de um lugar assim, vivia no sepulcro, diz a Bíblia. Tudo o que fazemos e falamos, senhores, está na Bíblia Sagrada. Se vocês querem contestar,



contestem a palavra de Deus. E a esse homem, desesperado, Jesus disse: “*Sai deste homem. Qual o teu nome?*” Ele disse: “*Meu nome é Legião.*” Então Jesus mandou que aquela Legião saísse daquele homem, e aquele homem, perturbado, possesso, naquele momento, ficou livre daquele mal, voltou a sua sanidade, voltou a ser um cidadão normal, um cidadão refeito das suas faculdades. Isso é maravilhoso. Isso acontece!

Jesus, para mim, é Deus. Ele existe, existiu e vai existir sempre, quer você aceite ou não. Ele existe e quer salvar você. Ele quer mostrar-lhe uma regra de vida, Ele quer mostrar o caminho de salvação que vocês precisam ter! E é por isso que temos de pregar o Evangelho. Se você não acredita, se você não crê nessa palavra, tem todo direito! Nós falamos aqui de liberdade de consciência e de culto: eu tenho o direito de pregar aquilo em que creio, e você tem o direito de aceitar aquilo que estou dizendo. E você pode pregar para mim.

Como disse em meu trabalho, o espírito não é obrigado a aceitar aquilo que estou pregando e que o Evangelho está pregando. E vice-versa: não somos obrigados a isso. Mas é fato: as pessoas estão se voltando para a Bíblia, para a palavra de Deus. E a Igreja Universal do Reino de Deus prega a Bíblia, ela vai pregar a Bíblia enquanto vivermos; pregaremos essa palavra, porque ela é vida, traz vida àquele que crê nela. Por isso pregamos.

Eu tinha uma tia chamada Carmosina, que morava na Boca do Rio e era mãe-de-santo conhecida na Bahia. Muitas vezes eu a visitei e, com todo respeito e carinho, preguei, sim, o Evangelho para ela. Ela dizia-me: “*Meu filho, não posso deixar minha religião.*” E eu lhe dizia: “*Minha tia, tudo bem, fique com sua religião, mas saiba de uma coisa: Jesus Cristo não é religião, Ele é salvação.*”



Senhores, é o que tenho a dizer: não existe ninguém mais discriminado que nós, os evangélicos. Podem estar certos disso.

Muito obrigado.

O SR. JOSÉ LUIZ NASCIMENTO ALVES – Com licença. Só uma contra...

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – O senhor me permite continuar dirigindo os trabalhos?

O SR. JOSÉ LUIZ NASCIMENTO ALVES – Sim, senhor.

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Há duas pessoas já inscritas. Infelizmente, já teve início a Ordem do Dia na Casa, e, portanto, temos de encerrar os trabalhos.

O SR. DEPUTADO REGINALDO GERMANO – Sr. Presidente, quero fazer uma questão de ordem.

Não quero ater-me, como Relator desta Comissão, à questão religiosa. Quero aqui levantar os casos trazidos à Mesa como altamente discriminatórios.

Quando se diz que o evangélico não é honesto, por exemplo, isso é discriminação. Quando se diz que devemos instalar imagens, fico imaginando um parque de diversão que tenha imagens de orixás, da Bíblia, do Buda, de Cosme e Damião...

(Intervenção inaudível.)

O SR. DEPUTADO REGINALDO GERMANO – Eu poderia terminar, por gentileza, cidadão?

Um parque de diversão que tenha a imagem dos orixás e, aí, terá de ter o Buda, a Bíblia, enfim, imagens de todas as entidades religiosas, para não ser acusado de discriminatório. Uma vez instaladas todas essas imagens no parque de diversão, ele automaticamente deixará de ser um parque de diversão.



Também levanto a seguinte questão: é preciso que se faça uma reflexão sobre perseguição religiosa. Vejo constantemente que o Candomblé é retirado da condição de religião para a condição de questão cultural, a fim de que esta Casa lhe destine verbas. Não há nesta Casa nenhuma citação — V.Exa. sabe disso —, nenhuma ação de grupo evangélico, e vemos que o Candomblé deixa de ser tratado como religião para ser tratado como questão cultural, a fim de ser tombado e recuperado. Pergunto: que perseguição religiosa é essa? (*Risos.*) Qual é a perseguição religiosa?

Essa é a minha questão de ordem. Bastaria pegar a lei e exigir: Estado e religião. O mesmo acontece com a Igreja Católica. O Vice-Presidente da República destinou 2 milhões e 800 mil reais para recuperar uma igreja católica em Pernambuco.

Portanto, não há perseguição. Não há lugar mais bonito para se praticar religião do que o Brasil. No Rio de Janeiro, às sextas-feiras, há um despacho em cada encruzilhada. O mesmo acontece nas praias, nas cachoeiras e nos parques do Rio de Janeiro e de Salvador. E não há nenhum movimento, seja do Legislativo, seja do Ministério Público, seja da Justiça, contra isso. Pergunto: onde está a perseguição religiosa? É pelo fato de os evangélicos terem uma maneira própria de acreditar e de pregar aquilo em que acreditam? É também pelo fato de os católicos terem uma maneira própria de acreditar e de pregar aquilo em que acreditam?

Sr. Presidente, acredito que a questão religiosa, principalmente esse estatuto, deva ficar à mercê da Justiça. Se, por exemplo, algum pai-de-santo se achar prejudicado, que entre na Justiça contra quem o houver prejudicado. Confirmado o prejuízo, o pai-de-santo será indenizado, e o agressor, punido.



A meu ver, as questões aqui levantadas foram mais discriminadas de um lado do que propriamente do outro.

Esta é a minha questão de ordem, esta é a palavra que eu deixo.

Muito obrigado.

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Ao encerrar a reunião, quero, em primeiro lugar...

O SR. DOMINGOS OLÍMPIO DA SILVA – Eu também tenho uma questão de ordem.

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Infelizmente, não poderei conceder a V.Sa. questão de ordem, porque estamos sendo chamados no plenário. É regulamento da Casa.

O SR. DOMINGOS OLÍMPIO DA SILVA – *(Inaudível.)* ...com relação ao que foi falado e com relação ao que foi respondido. Isso não se faz. Isso é uma hipocrisia!

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – Agradecemos a presença à Sra. Valdina Pinto, ao Sr. Antônio Gabriel Marques, ao Sr. Nestor João Masotti, ao Bispo João Mendes de Jesus, ao Pastor Josué Mello Salgado e à Sra. Maria Aparecida de Souza Ramos.

(Intervenção inaudível.)

O SR. COORDENADOR (Deputado José Linhares) – V.Sa. poderá continuar no Seminário.

Está encerrada a presente reunião.